



Universidade de Brasília
Departamento de Sociologia

Fluxos e Circuitos: Trajetórias Profissionais dos Vendedores de DVD dos bares da Asa Norte

Cássio Leal Moraes

Monografia apresentada do Departamento de Sociologia
da Universidade de Brasília como requisito para
obtenção do grau de bacharel em Sociologia.
Trabalho orientado pelo professor Doutor Edson Farias.

Brasília
2011

Cássio Leal Moraes

**Fluxos e Circuitos: Trajetórias Profissionais dos Vendedores de
DVD dos bares da Asa Norte**

Cássio Leal Moraes

**Fluxos e Circuitos: Trajetórias Profissionais dos Vendedores de
DVD dos bares da Asa Norte**

Brasília
2011

Banca examinadora

Professor Edson Farias (orientador)

Tânia Cristina Alves de Siqueira

Resumo

O presente trabalho se volta para a análise das trajetórias profissionais de vendedores ambulantes de DVD's, encarando tal profissão como um dos prováveis pontos de encontro entre o global e o local no que diz respeito às mudanças tecnológicas recentes no campo da reprodução midiática. Em contraposição à tese da Sociedade de Rede ou Capitalismo informacional-global, tal como defendida por Manuel Castells, buscaremos identificar o conceito de Circuito dentro do processo analisado, como uma ideia que prioriza a convivência corporal e a construção de localidades ante aos novos fluxos de sociabilidade decorrentes da revolução informacional recente. Foram realizadas entrevistas com vendedores de DVD's não originais, considerando o circuito dos bares da Asa Norte, bairro brasiliense de classe média, e a partir das narrativas destes trabalhadores inferimos aqueles traços que denotam continuidades e descontinuidades perante os dois conceitos trabalhados. Tratamos aqui as biografias em conjunto como posição e disposição num cenário mais amplo, em vista de priorizar os sentidos presentes nas práticas desses agentes.

Palavras chave: Trajetórias profissionais, fluxos, circuitos

Abstract

This study focus on the analysis of the professional trajectories of DVD vendors, considering that career one of the gathering points of what's global and local, concerning the recent changes in media reproduction techniques. Counterposing the Network Society thesis as it is defended by Manuel Castells, we'll try to identify the concept of Circuitry inside the process, an idea that prioritizes the corporal living and the construction of localities before the new flows of sociability resulting from the recent informational revolution. Interviews were made with non-original DVD's vendors in Asa Norte's bars and restaurants, a Brasília's middle-class neighborhood, and from these narratives we inferred those characteristics that had shown continuities and ruptures before the two concepts used. The biographies will be treated together as position and disposition in a wider scenario, looking forward to prioritize the directions in this agents's practices.

Sumário

Introdução.....	6
Capítulo 1 – Fluxos, Circuitos e Trajetórias.....	14
1.1 – Fluxos e as Redes.....	13
1.2 – O Circuito e os Usos do Espaço.....	18
1.3 – Trajetórias.....	20
Capítulo 2 – Os Vendedores de DVD dos bares da asa norte.....	22
2.1 – Entrevistas.....	22
2.2 – Fluxos e Biografias.....	29
Conclusão.....	34
Referências.....	35

Introdução

O *Digital Disc Vídeo*, ou DVD, é uma tecnologia semelhante à do *Compact Disc* (CD). Apesar de CD e DVD terem o mesmo formato, a capacidade de armazenamento de dados num DVD é cerca de 4,5 vezes maior do que a do CD, através de um método muito mais preciso de repetição dos dados, e pelo fato do DVD possuir as duas faces superpostas, como os velhos discos de vinil. Em decorrência da grande possibilidade de armazenamento, abre-se então o espaço para os vídeos num produto semelhante ao CD, com leitura feita através de uma varredura a laser. Da mesma forma que o CD, o DVD é facilmente copiado, num processo que pode ser executado através de um computador pessoal de performance mediana, este sendo o modelo acessível financeira e tecnicamente ao usuário não especializado. Porém, agora com uma capacidade de incluir mídias antes restritas ao CD.

Sendo assim, ambas tecnologias facilitam imensamente a ação de falsificadores, em decorrência dessa facilidade para reproduzi-lo de forma ilegítima. Se a pirataria é uma violação expressa de direitos autorais (1), por outro lado, ela garante acesso a uma gama nova de atores sociais ao mercado de mídias digitalizadas: o preço do produto falsificado atrai um contingente antes excluído de consumidores, assim como os trabalhadores informais que se valem do fácil acesso à mercadoria para assim preencherem a lacuna que a empregabilidade formal não satisfaz. O presente trabalho volta-se para esses trabalhadores, cuja situação foi criada através do fácil acesso à tecnologia, aliado a um público consumidor consistente. Ainda que haja o elemento ilegal na profissão, ela é socialmente legitimada pela dupla incidência da mão de obra desqualificada em conjunto com a decadência das chamadas Majors, grandes gravadoras, produtoras e distribuidoras deste

(1) Lei 9.610 de 19.02.98

Artigo 7º São obras intelectuais protegidas as criações do espírito, expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro, tais como:

VI – as obras audiovisuais, sonorizadas ou não, inclusive as cinematográficas

Artigo 29 Depende de autorização prévia ou expressa do autor a utilização da obra, por quaisquer modalidades, tais como:

I – A reprodução parcial ou integral

VI – A distribuição, quando não intrínseca ao contrato firmado pelo autor com terceiros para uso ou exploração da obra

tipo de mídia, cujos produtos originais custam muitas vezes mais do que a versão pirata. É inevitável que, ao se discutir a produção de bens culturais e artísticos, tais como os acima citados, se faça referência à tese da indústria cultural de massa, tal como discutida pela Escola de Frankfurt e seus partidários intelectuais. Em sua concepção, a arte, ao se libertar da associação com a tradição, cria novas regras para si e se transforma em expressão da liberdade (Adorno e Horkheimer, 1985). Neste espaço da individualidade, privado à busca do humano, as artes então atingiriam o apogeu de sua potencialidade libertadora. A sociedade industrial viria então para invadir este espaço, transformando cultura em civilização. O transcendental se transforma em alienação e a cultura se degrada em seus objetivos através da racionalização de seus processos. A cultura de massa seria o fruto dessa invasão da esfera artística pelas relações sociais de produção, transformando-a em mercadoria e esvaziando-a de sentido próprio que não a reprodução do sistema capitalista e, conseqüentemente, a dominação. Esta compreensão vertical da reprodução técnica do bem cultural é, antes de tudo, uma cisão de seu conteúdo em termos do processo social que o realizou e o desconhecimento de fatores estruturantes localizados ao longo desta cadeia, senão em seu cume.

Em oposição à discussão frankfurtiana acerca da produção cultural em massa, pode-se pensar que os novos mercados consumidores criados por essa democratização tecnológica, em conjunto com aqueles que se esgueiram pela informalidade apoiados por tais produtos, constituem uma quebra da estaticidade verticalizada na forma de fluxos. Fluxos de artistas, consumidores e vendedores que “se libertaram” dos grilhões impostos pelo monopólio da reprodução midiática e encontraram novas fronteiras para a reprodução de suas práticas. Sob uma ótica espacial, os ambulantes que comercializam suas cópias ilegais caseiras gerariam uma dissolução de fronteiras espaciais, dentro do que se chama fluxo dos espaços urbanos de serviços e mercadorias. Assim chegamos à lógica inversa, onde um fator de horizontalidade é pensado como desestabilizador da ideia de dominação contida na análise da produção cultural em massa.

Apesar dessa notável transição, que gera tal olhar enaltecido da subversão midiática, é nos contornos vivos deste mercado que se dá a medida da fluidez das práticas. Por isso consideramos uma irresponsabilidade intelectual atribuir a hegemonia dos fluxos

quando, antes que um grito de liberdade, o mercado das cópias piratas é uma válvula de escape para uma força de trabalho antes estagnada, o que sugere a formação de um circuito bem delimitado de produtores, ambulantes e consumidores, criando em torno de si uma dinâmica que lhe é peculiar. Apropriando-se de uma ruptura fundamental na forma pela qual os produtos culturais, considerando aqui apenas aqueles cuja propagação se dá através de áudio e vídeo gravado, se dispõem ante as modernas tecnologias, estes indivíduos realizam suas demandas de caráter local como forma última da extensão de uma cadeia de trocas e vivências que tem em seu centro nervoso o colapso gerado por aquela ruptura. Tomando este processo amplo isoladamente, sem relacionar o elemento espaço-temporal constituinte da própria motivação daqueles que o reproduzem, passa-se ao largo da própria estruturação do cenário mais abrangente, do movimento tendencial que se alimenta do sem-número de trajetórias locais. No sentido inverso, a presença de uma inovadora disponibilidade mercadológica para os protagonistas de tais trajetórias carrega a potencialidade de influir em suas próprias espacialidades e orientações, assumindo um aspecto caracterizador que em si traz descontinuidades ante o fluxo macrossocial do qual é tributário.

A ideia de fluxos globais muitas vezes coexiste com a concepção de redes, visto que ambas aludem ao incremento recente na abrangência espacial das interações, seja através da facilidade de comunicação, seja através das trajetórias de produtos e pessoas que consigo trazem suas orientações e subjetividades. Milton Santos, em sua concepção do espaço, considera um duplo sentido que se refere a objetos e ações. Contrapõe fixos e fluxos, sendo que o segundo seria aquele tipo de ação em movimento, que atravessa ou se instala nos fixos, um ato de transformação recíproca entre o que se movimenta e o que sedia o movimento (Santos, 2009, p.62). Dessa forma, sua concepção de rede tem a premissa da fluidez, sendo ela então uma série de movimentos sobre o espaço que atinge, nos dias de hoje, envergaduras de escala global. Antes que uma rede constante de trocas e movimentos, há reciprocidade neste tipo de interação entre objeto e ações, entre o local e o global.

Contudo, ainda restam muitas assimetrias quando o olhar se volta para as tendências emergentes, principalmente quando se atribui um caráter de integração e um

papel referencial às redes de alcance global. Manuel Castells concebe o espaço como fluxo de práticas, nas quais apenas as atividades do capitalismo informacional seriam relevantes segundo suas formulações acerca da *Sociedade de Rede* (Castells, 2010). Valores são produzidos e intercambiados nos fluxos das redes, e a ausência do que é valorizado desliga efetivamente o agente dela. Dessa forma, o espaço social que se aloca fora das redes é considerado por Castells um “buraco negro” dentro do capitalismo informacional, não guardando nenhuma correspondência com os interesses ditos globais. Esta teoria se embasa na tese do capitalismo global como intensificação de fluxos, transposição e cruzamento de fronteiras físicas e simbólicas. Nenhuma fronteira seria totalmente intransponível pelos fluxos globais, mas variável em seu nível de “porosidade”. Podemos então traçar um duplo movimento: ao tempo que o capitalismo informacional-global intensifica fluxos e ignora fronteiras, a apropriação continua a ser contextual. Homogeneização, de um lado, e um particularismo diversificante de outro no âmbito das culturas. Uma reorganização da cultura no espaço. A teoria dos fluxos, aparentemente, visa vislumbrar e legitimar as concepções de culturas globais, já não hermeticamente adjudicadas à noção de território. Os buracos negros citados por Castells seriam então uma faceta retrógrada da orientação para a qual a sociedade sob o espectro da contemporaneidade se voltaria, para interesses e simbolismos transterritoriais possibilitados pelo novo modo de socialização.

Porém, nosso interesse aqui se volta para o outro lado da dicotomia presente na *rociidade de rede*: a apropriação, que, em última instância, seria a propulsão de toda a informação e tecnologia, o processo pelo qual o fluxo externo é convertido em prática dentro de um circuito específico. O conceito de circuito a ser empregado concilia a especificidade de certos atores sociais (símbolos, origens, valores, etc.) aliados ao espaço no qual interagem. Dessa forma, o espaço não seria só cenário, mas também o resultado de práticas sociais acumuladas dos agentes como fator de determinação das mesmas práticas, constituindo a garantia visível e pública de sua inserção no espaço (Magnani, 2005). Circuito seria o exercício de prática que é reconhecida pelos seus usuários habituais através de equipamentos urbanos, mercadorias e locais.

A oposição entre fluxos e circuitos tende a produzir concepções conciliatórias a partir de uma crítica concomitante a ambos os sentidos deflagrados. Por um lado, uma

atividade como a do vendedor de DVD's pode ser entendida como uma escala menor dentro dos fluxos globais, enquanto uma rede pode ser entendida meramente como a estruturação de uma miríade de práticas localizadas. Porém, para um caso particular, faz-se necessário identificar as orientações específicas de um agente que, se num recorte temporal fixo é passível de ser alocado em quaisquer meios termos ante as duas concepções apresentadas, esta mesma localização se refere a uma função no contexto biográfico do objeto, ao instante de uma trajetória que pode ou não coincidir em direção com a totalidade de seu movimento. Dessa forma, sendo o recorte de análise pautado pela categoria de profissão, é necessário dispor o sentido de cada trajetória profissional particular frente à oposição analítica entre fluxos e circuitos, sem para isso necessariamente dar luz a categorias conciliatórias.

Em termos espaciais, o que caracteriza o nosso objeto é o aspecto local, fisicamente limitado. Assim que, conceitualmente, partimos do princípio de que, uma vez alocado enquanto escala de fluxos de grande abrangência espacial, o primeiro movimento analítico consiste em confrontar sua condição de tributário de tal aspecto. Por mais atenção que chame a explosão da reprodutibilidade midiática observada nas últimas décadas, é um movimento que, no âmbito daqueles cuja atividade é olhar criticamente para tais mudanças, pode levar à supervalorização de determinados sentidos da análise. O impulso inicial para a presente investigação foi a necessidade de buscar outros sentidos, adjacentes àquele que vislumbra a homogeneização através da propagação, do alcance das novas formas de sociabilidade. A escolha dos vendedores ambulantes de DVD's não originais como objeto de análise permitiria a observação daqueles circuitos paralelos que estão, em sua origem, estreitamente relacionados às mudanças apontadas, mas contendo em sua prática um choque de movimentos concomitantes. De um lado, eles são o fruto direto das mudanças referenciadas, mas também carregam em si sentidos potencialmente alienados a elas, por se tratarem de agentes portadores de histórias de vida que provavelmente passam muito ao largo da chamada revolução informacional.

Num espectro mais amplo de análise, faz-se necessária esta relativização da ideia dos fluxos globais, buscando identificar a formação de circuitos que se valem do trânsito cultural trans-fronteiriço, possibilitado em grande parte pela evolução tecnológica do

mercado midiático, mas revertido em práticas com limites “tradicionais” de circunscrição. Isto envolve identificar papéis do público consumidor de mídia gravada, assim como o acesso deste aos mercados gratuitos oferecidos via Internet; e os papéis daqueles que fazem destes produtos seus modos de vida. Esta interação seria pautada por locais, interesses e públicos-alvo, ou seja, o ponto de vista do circuito como a principal base sobre a qual as práticas mais relevantes à estruturação deste tipo de espaço social se constituem. Em um âmbito mais limitado, significaria realçar a própria figura daquele agente enquanto força estruturante, retirando-o da condição de passividade a qual costuma ser reduzido quando contraposto analiticamente a uma tendência de maior alcance que sua trajetória particular.

Tendo em vista as trajetórias profissionais particulares enquanto tributárias e tributantes dum espectro mais amplo da organização social, cabe aqui contemplar o que estes dois termos em conjunto nos oferecem enquanto objetos de análise. Seria preciso então conferir à categoria de atividade profissional um sentido biográfico específico, que contemplasse a dicotomia indivíduo-sociedade na medida em que as categorias analíticas propostas possam ser operacionalizadas. Neste sentido, é importante recortar sincronicamente esta dupla incidência que o discurso do indivíduo pode comunicar.

Em relação ao tema da profissão, há uma tendência, senão um reflexo, em alocá-la socialmente enquanto funcionalidade produtiva ante o conjunto das orientações profissionais. O que possibilitaria os deslocamentos de profissão nos dias de hoje se relaciona à ideia de mobilidade e, em última instância à cultura empresarial do capitalismo tardio. Sob este ponto de vista, fatores micro e macro – como crises econômicas, mudanças tecnológicas – teriam grande influência. Porém, sob outro espectro, trajetória profissional diria respeito às orientações e possibilidades do indivíduo ou unidade familiar no contexto socioeconômico. Quando da análise de trajetórias profissionais dum grupo determinado de pessoas, existe uma dupla busca por heterogeneidade e homogeneidade: as experiências subjetivas e os traços que marcam um dado contexto identificados na narrativa sócio-biográfica. Poderiam ser definidos como pólo subjetivo e objetivo, as formas identitárias heterogêneas e a condensação em categorias tendenciais, biográfico e institucional. A parte objetiva pode ser entendida como uma sequência de posições, uma inferência estatística a partir dos dados recolhidos e sua posterior alocação num quadro muito mais amplo.

Tomar a posição de um indivíduo ou grupo dum ponto de vista estritamente estático em relação à estrutura social, então, deixaria escapar o sentido de trajetória que visamos apontar. Dessa forma, o corte sincrônico feito através da pesquisa deve conter o sentido da função do trajeto social, para que assim tal posição seja encarada enquanto etapa (Bourdieu, 1992, pg. 8.). Não seria possível apreender a posição do grupo enquanto circuito de vendedores ou escala de fluxos globais sem adicionar a esta constatação o sentido de movimento no qual estas inferências localizadas participam. A partir desta noção, então, é possível confrontar as categorias fixas às trajetórias com mais precisão analítica, minimizando os riscos de uma redutibilidade esquemática. Mesmo o próprio discurso proferido pelo indivíduo estudado deve ser encarado dessa forma, enquanto uma compreensão-para-si que se realiza socialmente enquanto saber incorporado, que, mesmo sendo a forma na qual o pesquisador efetivamente contata o real, é em si um momento numa trajetória de construção e adoção de práticas. O “eu-biográfico”, aqui, seria compreendido enquanto tensão de potências de sentido incorporadas e reproduzidas corporalmente.

Procuraremos então, em primeiro lugar, cotejar as categorias de fluxo e circuito nos termos em que elas se relacionam, isto é, enquanto dinâmicas de dispersão e concentração, de homogeneidade e heterogeneidade. Em cada um destes aspectos, ainda que possam conter implícita sua conexão com o objeto, este aparece enquanto fenômeno, recortado em sua redutibilidade conceitual. Posteriormente, será preciso utilizar o conceito de trajetória para que esta redução adquira contato com o real ao identificar o fato. Através das informações lidas no campo, operacionalizadas textualmente sob a ótica da trajetória biográfica, a inferência sociológica surge num segundo movimento de contraposição, a partir do momento em que se insira uma dimensão espaço-temporal distinta em meio à relação entre fluxos globais e circuitos locais, dimensão esta situada na apropriação individual daqueles que corporificam o fenômeno.

Capítulo 1 – Fluxos, Circuitos e Trajetórias

Fluxos e as redes

Ao considerarmos o conteúdo presente no DVD, nos atemos a sua disposição para comunicar e a função intermediária que este objeto tem em toda a sua cadeia produtiva e comercial. Em sincronia com diversos meios de comunicação que possibilitam uma grande amplitude de sociabilidade, os modos específicos dessa dinâmica a aproximam da concepção dos fluxos, enquanto força dispersiva e homogeneizadora. Ao passo que a sua amplitude se dá conta de fenômenos numa situação espacial singular, aproxima espaços de convivência antes incomunicáveis. Fluxos, na linguagem geográfica, diz respeito à oposição entre objetos e ações, no meio da qual se caracteriza por ser ação (Santos, 2009). A disposição da análise do espaço frente à categorias tais quais “território” ou “região” basicamente define o fluxo enquanto movimento. Quando a análise se volta para as redes, enquanto conformação dos fluxos em escala global, também emerge a importância de uma base técnica em contato direto com os novos paradigmas de fluidez. A rede, entendida enquanto ordenamento vetorial de fluxos direcionada à universalidade do deslocamento, se confronta então com disparidades entre seus diversos momentos, isto relativos a fatores específicos de interação entre os elementos fixos e os fluxos. Esta compreensão leva a crer que, embora haja sempre bases mais ou menos eficientes para o movimento dos fluxos, o paradigma territorial da rede impõe uma necessidade de alcance universal. Ou seja, ademais de apropriações singulares que possam se constituir em desvios, a manutenção da circulação de pessoas, objetos e informações é passível de classificar algumas dinâmicas observadas às adjacências de sua extensão enquanto “contra-fluxo”. Ao invés de haver uma reciprocidade naquele contato entre o local e o global, haveria uma barreira que estaria indisposta a dar continuidade ao movimento. Por esta razão, ao se adotar uma concepção de redes fluídas como delineadoras da sociabilidade que as constituem, é inevitável que a observação empírica leve ao encontro destas contra-dinâmicas, que antes que dar vazão à correnteza sócio-espacial, estancam-na em redutos estáticos no espaço.

No âmbito cultural, o intercâmbio social, sob o espectro de uma sociedade em rede, também propõe uma base técnica de difusão dos produtos culturais enquanto forças motrizes daquele imperativo de universalidade. Em seus trabalhos acerca do que denomina *Sociedade de Rede*, Manuel Castells se baseia numa revolução tecnológica propiciada pela informação como criadora de uma nova era social. Esta era, por sua vez, tem sua base compreensiva formulada nas concepções de interdependência e descentralização, como significadores da inclusão e individualização no mercado de trabalho, desregulação estatal e mesmo o desfazer do estado do bem-estar social. Os sinais iniciais da sociabilidade global que estaria emergindo estariam localizados num fluxo integrado de instrumentalidade, rompendo antigas barreiras espaço-temporais. Por outro lado, a organização estaria pautada na concepção que o autor define como identidade:

“Por identidade, entendo o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais. Afirmção de identidade não significa necessariamente incapacidade de relacionar-se com outras identidades (por exemplo, as mulheres ainda se relacionam com os homens), ou abarcar toda a sociedade sob esta identidade (por exemplo, o fundamentalismo religioso aspira converter todo mundo). Mas as relações sociais são definidas *vis-à-vis* as outras, com base nos atributos culturais que especificam a identidade.” (Castells 1999, Pg. 58)

Ou seja, esta própria definição de identidade que o autor oferece deixa implícita a presença de formas de sociabilidade que têm como fundamento a afirmação de um tipo social específico para si, e que se constrói no encontro com as suas correspondentes em meio às várias representações identitárias na qual um indivíduo estaria submetido. No caso específico da sociabilidade de rede, este sentido seria propulsionado pelo enfraquecimento das barreiras espaço-temporais das novas formas de interação.

Há, no trabalho do autor, uma visão que remete à organização e consolidação da Internet (2) em suas características mais marcantes, enquanto representante modelar de um novo ritmo no que tange ao alcance e intensidade deste novo tipo de sociabilidade que se estrutura. A concepção de descentralização então aparece na sociedade de rede como uma

aplicação cumulativa entre a produção, inovação e uso, numa realimentação cultural individualizada como principal característica do novo tipo de sociabilidade. A descentralização marca, historicamente, o gradual fim de vários monopólios sobre as trocas culturais através das revoluções tecnológicas, tanto em domicílios como em empresas.

Castells conceitualiza a nova economia criada por tais revoluções tecnológicas em três termos: informacionalismo, globalização e funcionamento em rede. Informacionalismo diz respeito ao papel crucial do acesso à informação e de sua eficiência como viabilidade econômica. É global, pois é nesta escala nas quais as trocas mais relevantes são realizadas sob o paradigma visado, sendo que o autor aponta aqueles que se excluem deste âmbito como marginais ante a nova realidade socioeconômica. E, por fim, o funcionamento em rede significaria a interação globalizada, um espaço social veiculado pela eficiência informacional e que se torna, passo a passo, o padrão homogêneo da nova economia.

Se referindo especificamente ao pequeno comércio, Castells aponta que os canais de inserção destes profissionais na lógica global-informacional estão abertos, mas que é nos *núcleos estratégicos* que se realiza plenamente a sociabilidade de rede, e que o comércio informal dificilmente estaria adjudicado a tal lógica. É o que define como os buracos negros do capitalismo global, parcelas do trabalho e da sociabilidade que contradizem ou simplesmente fogem categoricamente dos sentidos que pretende divisar em sua análise. Quanto à mudanças mais específicas no mercado de trabalho, a teoria da sociedade de rede observa a transição dos setores “diretos” da produção para uma inclinação aos setores de serviços, administração e trabalhos especializados, levando em conta observações empíricas em relação aos países do G-7(3). Em respeito à tendências, Castells também aponta o crescimento da globalização da força de trabalho como traço do paradigma informacional, onde empresas e órgãos centralizadores da mão de obra se valeriam da trans-territorialidade e fragmentação como conceitos produtivos cada vez mais importantes.

(2) Conglomerado de computadores em rede de escala global interligado pelo protocolo TCP/IP, que permite a transferência de dados e informações.

(3) Grupo dos sete países mais desenvolvidos economicamente do mundo: Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Itália e Canadá

Através das análises do autor sobre a consolidação da Internet como mercado e instrumento que alcança diversos âmbitos da atividade humana, ele infere algumas diretrizes que se aplicariam ao que denomina trabalho informacional, baseado na informação como principal valor agregado, especificação de produtos, e a flexibilidade e a adaptabilidade necessárias às cadeias produtivas organizadas em rede. Este caráter organizativo é explorado através de uma mudança de significado do tempo e espaço neste processo histórico, mudança esta enquadrada como incremento de fluxos, possibilitada pela expansão do alcance informacional. Em suma, Castells indica em suas formulações um forte sentido de dispersão gerado pelas novidades deste tempo histórico, centralizando os fluxos de sociabilidade como unidade central de análise de um período histórico crivado de inovações no reproduzir de suas práticas. É um ponto de vista muito influente, principalmente se levar-se em conta a propagação do uso da Internet e mudanças em determinados setores da produção, mas que tende a unificar a direção analítica e fomentar uma dualidade entre global e local possivelmente excludente quando aplicada a outras áreas da investigação sociológica.

Darin Barney, em, seu trabalho intitulado *The Network Society*, é inspirado na tese de Manuel Castells acerca da *Sociedade de Rede* para então construir um aglomerado de caracterizações para este tipo social que, segundo ele, é referenciado por vários termos a depender do âmbito que predomina numa determinada análise (Barney, 2004). Ele cita as definições de Pós-modernismo, pós-fordismo, pós-industrial, toyotismo, entre outros, para denominar uma coisa só, ou seja, as mudanças recentemente observadas na sociedade que guardariam afinidades essenciais com a concepção da sociabilidade em rede. O que o autor toma como características centrais deste conceito é o movimento por fluxos, interconexões entre os vários nódulos “geradores”, que reproduzem suas práticas na medida em que estas conexões são estabelecidas e na medida em que se apropriam do que a rede lhes tem a oferecer. Mais do que a definição estática da sociedade em rede, este autor contribui para associar a tese de Castells aos demais movimentos históricos denominados nas últimas décadas, um pilar destinado a compor a contemporaneidade em seu conjunto enquanto uma sociedade em rede.

Na concepção da sociedade em rede flagra-se um elo entre uma base técnica historicamente localizada, contendo as novas possibilidades de abrangência dos fluxos, e sua propagação a níveis de identidade, de auto referência. Da mesma forma que entre os fixos e fluxos há uma reciprocidade de reprodução, esta mesma se identifica quando se localiza um agente determinado dentro da sociabilidade em rede. A apropriação se converte em referencial para a ação, sob pena do sujeito perder sua própria disposição para apropriar-se. O referencial técnico transcende sua aplicabilidade específica numa base constante, se expandindo ao passo que, em seu caminho, impõe-se como critério de inclusão da sociedade informacional. Por mais que se contrabalance a concepção da sociedade em rede com a prospecção da auto referência e da descontinuidade dos fluxos, incorre-se numa dupla incidência categórica. Independentemente da escala, ou se está contra ou a favor da fluidez.

O Circuito e os usos do espaço

Por mais que se possa conceber diversas formas de gradação e escalas em relação aos fluxos de alcance global, as descontinuidades tomam um aspecto de enfraquecimento, o que pode se confrontar com situações específicas onde, por um lado, há uma emergência social diretamente relacionada a um aspecto tal qual a sociedade informacional, enquanto que, em meio às práticas sociais deste agente, há uma gama de espaços e ações que estruturam um corpo social fluído, ainda que em relação com outras estruturas. Uma vez distante em abrangência em relação aos fluxos globais, ainda que guardando suas próprias especificidades, esta estruturação se contraporia sob a categorização de circuito. Para tratar do conceito de circuito, valemo-nos da crítica de Magnani ao conceito de *tribo urbana*, presente em seus estudos acerca da juventude metropolitana. Independentemente da natureza do objeto estudado, o autor traz dentro de sua conceitualização de circuito uma nítida identificação com a ideia de espaço. Se a concepção de tribo remete a um fechamento identitário que guarda afinidades com o conceito de cultura, o circuito incluiria o uso dos espaços e equipamentos urbanos, e uma miríade de territórios que se incorporariam à identidade prática de seus agentes.

Um ponto importante em relação ao uso do espaço na concepção de Magnani é a não necessidade da ideia de contiguidade territorial no trato com o conceito de circuito. Isso significa uma diferença (e vantagem, segundo o autor) em relação a outros dois conceitos que são bastante comuns nos trabalhos antropológicos urbanos, a saber, *mancha e pedaço*. Estas duas concepções pressupõem um território com limites bem demarcados, contíguos, enquanto a concepção de circuito se atenta mais aos usos que se desenrolam em determinado local por determinado grupo. A falta da necessidade da contigüidade espacial para o uso do conceito de circuito o aproxima muito da ideia de fluxo, onde são justamente aquelas ferramentas que possibilitam interações trans-territoriais que constituem e dão parâmetros às práticas. A ideia de circuito, porém, prega que a convivência corporal com agentes e localidades cria as condensações que lhe são peculiares. Ao invés de tornar o espaço uma categoria irrelevante, superada no que diz respeito ao caminhar histórico das interações humanas, ele a fragmenta e resolve o problema da contigüidade espacial voltando o olhar para aqueles que conferem atributos a um determinado espaço. Em outras palavras, a apropriação é a dinâmica social mais relevante quando do uso deste conceito.

De fato, esta conceituação de circuito vai de encontro àquela distinção geográfica entre o fixo e o fluxo e, ao mesmo tempo, aproxima-a em termos da concepção espacial da categoria de rede. A espacialidade então é construída através de locais específicos unidos através de seus usos. Ainda que se tenha em mente uma dinâmica de longo alcance, a base espacial do circuito age como uma força centrípeta em meio à dispersão do fluxo, alocando suas próprias referências de sociabilidade. Circuitos díspares então poderiam, em conjunto, promoverem uma circulação contígua além de seus próprios alcances espaciais, mas seria impróprio postular que isto desembocaria em dinâmicas análogas em relação ao uso do espaço social. Igualmente impróprio seria dizer que há um confronto a partir do momento em que é criado um fluxo interno que, em forma e conteúdo, se desloca do paradigma da globalidade. Pois, considerando a sociedade em rede, mesmo a escala mais alta do capitalismo informacional tem entre seus agentes a formação de usos e disposições próprias, estas passíveis de conter continuidades que não correspondem à situação histórica usado para constituir as referências da contemporaneidade. Também vale salientar que, na presença de um circuito, os fluxos globais encontram suas próprias maneiras de serem apropriados e sua reprodução, antes de encontrar entraves, possibilidades de expansão e/ou

posições conciliatórias, encontram nestas formas distintas a sua realização enquanto abrangência.

Trajetórias

Dando continuidade à proposição de que existe uma forte tendência a se categorizar aquelas atividades que, à primeira vista, estão diretamente ligadas à expansão do capitalismo global-informacional nesta mesma dinâmica, no que diz respeito à estruturação das práticas sociais de seus agentes, é preciso então retomar a suas situações particulares enquanto trajetórias. Ao empregar este termo, buscamos então compreender a posição imediata de um indivíduo em termos das potências que esta situação carrega em si, tanto em termos do caminho percorrido até o momento atual como para onde ela efetivamente aponta. Desta forma, é possível conferir à trajetória um papel de conexão em meio à dicotomia fluxo-circuito. Conexão não propriamente no sentido de mediação, mas enquanto fundamentação empírica deste diálogo e enquanto reordenação de suas potencialidades mutuamente excludentes. Tendo em vista que o objeto de pesquisa diz respeito a trajetórias profissionais individuais, a questão da biografia deve igualmente ser posta sob o espectro de sua duplicidade de sentido, isto é, enquanto posição e disposição a se posicionar.

No que diz respeito especificamente à concepção de biografia enquanto discurso proferido e absorvido, é necessário atentar para o perigo de encará-la como linearidade, como história de vida. Seria preciso levar em conta o fato de que uma biografia é construída de frente para trás, *a posteriori*, tanto por aquele que a expressa como por aquele que a registra, no caso, o cientista social. Por linearidade subentende-se a noção de causalidade, progressão, quando o que deveria ser elucidado é o fato de que as narrativas constituem fragmentos de memória, conectados no discurso do biografado e do “biografante” pelo sentido efetivo que se tenta expressar ou divisar.

Este processo de análise biográfica visa não ignorar a construção e reprodução social do agente, tomando-o como única mola propulsora de sua biografia. Esta então

configura-se em trajetória, sendo ela então o resultado construído das características relevantes de um conjunto de biografias ou de uma individual. Dentro da concepção de campo de Pierre Bourdieu (Bourdieu 1992), a trajetória revela a relação momentânea de um sujeito para com os demais que lá dentro disputam por posições. A concisão da definição de trajetória depende do olhar sobre a sucessão, sobre a estrutura sob a qual está subordinado um determinado trajeto. Ainda que no presente trabalho não nos valhamos especificamente do conceito de campo, esse ponto de vista das biografias se mostra operacional para revelar deslocamentos específicos sobre aqueles espaços referidos na discussão entre fluxos e circuitos.

Uma vez encarando nosso objeto de análise, partimos do pressuposto da *Sociedade de Rede* como sua caracterização primeira, enquanto posicionado no fluxo global de sociabilidade através de uma prática específica. O conceito de circuito, por sua vez, aparece como referência para as descontinuidades observadas através das trajetórias. Não se trata de posicionar o agente em relação ao paradigma dos fluxos, nem de justificar a hipótese de sua falseabilidade, mas sim de realçar na narrativa biográfica a medida social destes aspectos conceituais contrapostos. Esta é recortada na relação profissional entre o vendedor e a origem de seu produto, e conseqüentemente na natureza da apropriação deste mesmo produto.

Capítulo 2 – Os Vendedores de DVD dos bares da Asa Norte

Entrevistas

As trajetórias profissionais que o trabalho se volta são aquelas dos comerciantes de DVD ilegais, um produto no qual se traça uma longa cadeia de trocas além de sua produção, que o caracteriza como escala num fluxo global. O DVD enquanto produto original, adequado às leis de *copyright*, é um produto cujo conteúdo possui um determinado tipo de informação que obedece a critérios de difusão da informação pouco correspondente à discussão empreendida acerca da sociedade em rede, onde. Por outro lado, a versão ilegal deste produto e o volume de sua produção vai além: somente através de uma base técnica inovadora, cujo monopólio escapa às mãos de um grupo seletivo de detentores dos meios de reprodutibilidade midiática é que sua comercialização adquire significância no debate acerca dos fluxos informacionais. Isto porque não se torna um fenômeno exclusivo da indústria de pirataria, mas afim ao papel da Internet enquanto fonte destes produtos desprovidos de custos monetários. Ainda que seja um comércio, as condições de aquisição deste produto, seja em termos do volume oferta ou em termos de preço, guardam grande discrepância em relação ao produto legal. E, assim como este, o DVD pirata também conhece ao longo de sua realização uma cadeia de práticas sociais. Só que estas, por sua vez, se relacionam a uma rede mais abrangente de fluidez informacional.

Os vendedores, por sua vez, têm uma vivência distinta que se apropria, através de sua própria trajetória social, e constrói um espaço singular, um contato de realidades que oferece um campo para a empirização dos paradigmas pelos quais é contornado. As próprias características deste tipo de emprego tendem a criar uma fertilidade de sentidos em sua análise, onde os produtos são de origem ilegal e o trabalhador atua na informalidade, numa posição marginal frente à concepção de capitalismo global-informacional. No seu dia-a-dia, percorre um trajeto de pouca contiguidade local, buscando compradores que executam uma outra apropriação daquele mesmo produto que em primeiro lugar ocasionou a interação, além da diversão das origens trajetórias de cada parte envolvida. Isto se realça

na própria aparência dos vendedores, enquanto oriundos de locais distantes do seu local de trabalho, onde se localiza, por sua vez, a maior rentabilidade deste. E, por fim, o tom de sua relação com o próprio DVD, se caracterizando e se realizando nos limites da atividade profissional.

Encarados como uma categoria profissional, esta deveria sua própria existência à dinâmica de expansão informacional na forma de um produto comercializável. Por outro lado, a natureza de tal ocupação sugere um choque entre este produto e um sentido diverso, uma barreira que separa o comerciante enquanto profissional e as dinâmicas supostamente universalizantes de interação social. Em meio a estas duas situações distintas condensadas numa posição específica, estrutura-se um novo espaço de interações que se, sob um certo ponto de vista, estaria alocado na condição de escala inferior dos fluxos globais, poderia ser compreendido também como um circuito distinto, em convivência com outros usos do espaço independentemente da observância do fenômeno enquanto participante de uma rede extensa de práticas, a saber, referenciadas pela concepção de capitalismo global-informacional.

Esta encruzilhada só poderia ser desmembrada em seus aspectos fundamentais através da referência empírica, uma vez que definindo sua relação para com as estruturas apontadas sob a égide da trajetória. Então, aqueles comerciantes estariam postos enquanto orientações em movimento, se apropriando e reproduzindo práticas na medida em que suas trajetórias pessoais se convertam em posições dotadas de sentido. Pois, uma vez constituindo, em conjunto, tanto espacialidades limitadas como desenrolar de espaços de interação mais abrangentes, estes são momentos de um número de trajetórias que ali se encontram e se realizam, mas que guardam em si orientações que não podem ser reduzidas ao recorte de sua posição referencial. Os discursos acerca das trajetórias profissionais destes indivíduos revelam então a própria natureza da sociabilidade que se dá no interior do confronto entre as categorias analíticas aplicadas, uma vez que reconstruem a disputa e cooperação entre sentidos, indissociável à própria estruturação deste espaço. Através das entrevistas realizadas e sua posterior inferência podemos construir este cenário com peças empíricas.

As Entrevistas com os comerciantes de DVD foram realizadas entre os dias 15/05 e 28/06 de 2011 em Brasília, priorizando o espaço da Asa Norte como o ambiente de pesquisa. Este bairro é localizado numa posição preferencial, no que diz respeito ao acesso às regiões da cidade que concentram os empregos mais fundamentais à economia da cidade, isto é, aos órgãos governamentais e ambientes laborais do funcionalismo público. Também ali, devido à localização, se concentra um volume considerável da atividade comercial destinada ao público de classe média residente, com destaque para a presença de bares e restaurantes. E é nestes aonde a atividade de ambulante se destaca das demais realizadas no mesmo ambiente, ao contrário de uma concentração barracas de camelô. Três localidades, tanto pela predominância do tipo de produto sobre os demais produtos de ambulantes, assim como por sua visível centralidade dentro da atividade deste comércio e do próprio conjunto do bairro, foram priorizadas: O bar e restaurante Beirute, localizado na entrequadra 107 norte, no qual as entrevistas se realizaram aos fins de semana, durante o horário de almoço; os bares das entrequadras 209-210 e 408-409, estes revelando um maior movimento de ambulantes pela parte da noite, tanto aos fins de semana como no decorrer, especialmente as quartas e sextas-feiras. Ao todo foram realizadas doze entrevistas.

As entrevistas foram concebidas de forma semiestruturada, onde foram observadas as informações mais pertinentes para a posterior inferência, principalmente aquelas que diziam respeito ao histórico profissional do entrevistado e sua situação atual enquanto comerciante de DVD's, além de referências socioeconômicas fundamentais. Sob estas diretrizes, o objetivo foi então estabelecer um diálogo que pudesse trazer informações complementares, sem que houvesse a necessidade de uma ordenação pré-definida de perguntas e questionamentos. A aproximação foi feita, inicialmente, nas áreas adjacentes às mesas dos bares, onde os vendedores se concentravam enquanto a clientela se renovava, para que assim pudessem novamente percorrer as mesas oferecendo seus produtos. Porém, este tipo de aproximação, logo de início, mostrou pouca receptividade por parte dos entrevistados. Posteriormente, as entrevistas foram feitas a partir da abordagem dos próprios comerciantes, onde se realizava um primeiro contato, para então serem feitos questionamentos adicionais nas áreas externas ao estabelecimento.

O que resultou como produto final das entrevistas foram traços de trajetórias biográficas convergentes e divergentes no conjunto dos entrevistados, dentre os quais foram ressaltados aqueles traços mais pertinentes para a análise, independentemente de serem recorrentes ou não.

Para começar, a maior parte dos entrevistados pertencia ao sexo masculino, três quartos do total. As vendedoras ambulantes do sexo feminino foram ativamente buscadas na ocasião do trabalho de campo, a fim de dar maior consistência às inferências acerca do circuito, sendo que, por outro lado, a observação passiva revelou uma parcela masculina muito maior do que aquela contemplada pelas entrevistas. Quanto à faixa etária, pouco destaque para qualquer extrato em especial, excluindo-se o fato de que não foi observada a presença de idosos ou menores de idade, estas faixas sendo notadamente comuns entre outros tipos de vendedores ambulantes. A idade mínima relatada pelos entrevistados foi de vinte e dois anos e a máxima sessenta, um hiato bastante representativo da idade laboral de maiores potencialidades.

Todos os vendedores contatados afirmaram habitar outras regiões administrativas (3) do Distrito Federal ou cidades do entorno (4), distantes das localidades das entrevistas e fora do eixo no qual seu trabalho é executado, como Santa Maria, Cidade Ocidental, Paranoá e São Sebastião. A naturalidade destes comerciantes, sob a ótica da migração, apresenta muitas coincidências com a idade dos entrevistados: todos aqueles que afirmaram possuir idade inferior aos vinte e oito anos são naturais do DF ou Entorno, enquanto aqueles com idade entre vinte e nove e sessenta anos revelaram origens em regiões diversas do Brasil; a saber, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Piauí, Maranhão e Goiás. Acerca das condições habitacionais e estrutura familiar, os entrevistados em sua maioria absoluta possuem filhos, conjugues e/ou pais que convivem na mesma residência, o que revela um traço comum bastante significativo dentro da presente investigação: a relevância da renda extraída do comércio de DVD's falsificados para a renda familiar total. Apenas um dos en-

(3) Divisão administrativa regional do DF, submetida politicamente ao governo distrital

(4) Microrregião do leste do estado de Goiás, próxima ao DF

-entrevistados, o mais jovem entre eles, afirmou que a renda decorrente deste tipo de atividade tem impacto apenas em seus gastos pessoais.

No tocante à escolaridade, não foi revelada a presença de ensino superior ou qualquer qualificação técnica além do grau de ensino médio. Além disso, foi observada uma grande variação no nível de formação escolar, desde a incompletude do ensino fundamental até a completude do ensino médio. Não foi declarado nenhum tipo de analfabetismo, funcional ou formal, entre os trabalhadores entrevistados.

Sobre a natureza da profissão, quase todos percorrem trajetos em um dia que incluem Asa Sul e Asa Norte, passando pelos locais mais movimentados, a depender do dia da semana e do horário. Em fins de semana na parte diurna, são priorizados aqueles locais onde se destaca a serventia de refeições, enquanto a parte da noite apresenta uma gama maior de locais onde se encontra o público potencialmente consumidor. Aqueles entre os entrevistados que não percorrem a distância completa do Plano Piloto, quando trabalhando se resumem à Asa Norte. Ainda assim, foi apontado por todos um elemento decisivo para esta atividade: o transporte. É vital a posse de um automóvel, tanto para guardar a mercadoria que não é apresentada imediatamente ao consumidor, como e principalmente para tornar viável o percorrer do percurso de bares e restaurantes ao longo do trajeto de vendas. O automóvel mais utilizado pelos entrevistados é a motocicleta, segundo eles devido à sua agilidade e economia, apesar da maior capacidade de transporte dos carros.

Quanto à viabilidade econômica da profissão, isto é, a suficiência da renda, há poucas queixas, sendo afirmado que este tipo de comércio apresenta uma rentabilidade mensal média superior àqueles empregos aos quais normalmente têm acesso, a despeito da falta de constância dos ganhos, inerente ao caráter autônomo e informal do trabalho: A renda daqueles entrevistados que a declararam estaria em torno de R\$1.000-1.5000 mensais, ante uma média atestada de R\$700-1.000 reais mensais como pertencente às ocupações imediatamente anteriores à da venda de DVD's. Alguns afirmaram que com a profissão não houve aumento expressivo de renda mas não houve, durante as entrevistas, denotação de decréscimo na renda pessoal em decorrência da mudança profissional.

Apesar do fator financeiro não ser apontado como um revés na profissão, a impressão acerca dela é predominantemente negativa. Existem dois fatores que se sobressaíram no discurso dos entrevistados como características negativas da profissão. O primeiro é o desgaste físico, que decorre até mesmo do termo que caracteriza a própria atividade: ambulante. O deslocamento incessante e em pouco espaço de tempo, tanto entre os locais de venda como no interior deles, faz da profissão muito exigente fisicamente na opinião dos vendedores. O segundo fator guarda uma relação mais estreita com a natureza dos produtos comercializados, que é a iminência de uma intervenção policial, já que passam ao largo das leis de *copyright*. Este fator adicionaria uma pressão extra, segundo os entrevistados. Alguns afirmam também que o vendedor ambulante é visto como “cidadão de segunda classe”, e esta autoimagem condiz com a condição legal de seu trabalho. Considerando tais fatores em conjunto, podemos afirmar que não é uma atividade desejável para os entrevistados em sua maioria. Houve dois vendedores, os mais jovens entre eles, que afirmaram satisfação com a opção profissional, considerando-a como uma ascensão de renda e exaltando o fato de não terem de responder a superiores, além de não demonstrarem queixas em relação ao fator ilegal subentendido.

A forma de aquisição de seus produtos foi um tema que causou desconfiança por parte dos entrevistados, compreensivelmente. As poucas palavras proferidas acerca da origem dos DVD's sugeriram fontes de distribuição em larga escala, contatos estes conseguidos através de pessoas próximas, sejam familiares, vizinhos ou amigos. É uma forma de aquisição constante, onde o vendedor prevê ao cliente a disponibilidade de produtos novos. Os entrevistados afirmam que, com base na demanda corrente, a disponibilidade dos diferentes produtos é administrada, o que sugere uma versatilidade grande no acesso ao estoque.

A motivação, inferida dos discursos dos entrevistados, para esta opção profissional ficou muito clara e consensual, à exceção daqueles mais jovens e recém-ingressos no ramo, citados no parágrafo anterior: a *necessidade*, no sentido da ausência de melhores oportunidades no mercado de trabalho. Deixaram clara a decorrência direta do desemprego e da perda de ocupações anteriores como motivação central. Obviamente, há um desejo generalizado de deixar a atividade. Os históricos profissionais, mesmo naqueles casos

excepcionais onde é demonstrada uma satisfação com a ocupação atual, se assemelham muito. Os entrevistados eram empregados do setor comercial, executando papéis tais quais balconistas, lojistas, recepcionistas, em geral profissões com pouca necessidade de especialização formal / técnica. Entre outros exemplos de ocupações anteriores, também foram relatadas as funções de zelador de condomínio residencial, empregada doméstica e caminhoneiro. Há um elemento biográfico para o qual chamamos a atenção nessas trajetórias, que é alguma forma compulsória de abandono da antiga profissão. O entrevistado que executava o trabalho de caminhoneiro teve de se aposentar prematuramente devido a complicações médicas; o lojista que detinha um pequeno negócio de roupas e tecidos viu seu negócio falir; a recepcionista de um consultório odontológico se desentendeu com seu antigo empregador e foi demitida. Mesmo os que se mostraram satisfeitos com a atual atividade escolheram tal ramo em decorrência de complicações em seus antigos empregos. Baixos salários e assédio moral por parte dos empregadores foram apontados nestes casos. Nenhum dos entrevistados relatou ter na ocupação atual o seu primeiro emprego.

Apesar da insatisfação expressada de uma maneira geral para com a ocupação de vendedor ambulante, os discursos tocantes às perspectivas profissionais futuras se mostraram inconsistentes, mas detentores de informações que valem ser mencionadas. Aqueles mesmos entrevistados que, ao mesmo tempo, são os mais jovens e demonstraram maior satisfação com a atividade, demonstraram uma ausência de inclinação ou esforços rumo a uma mudança de atividade. Um dos entrevistados, um homem de sessenta anos que há quinze estava no ramo das vendas ambulantes (incluindo diversos produtos além dos DVD's piratas, seu ramo mais recente), afirmou estar, à época das entrevistas, em seus últimos dias de profissão, prestes a assumir um cargo numa corretora de imóveis. Esta mudança foi lograda através de suas amizades e contatos pessoais. Os demais diziam estar "buscando outro trabalho", em geral junto aos ramos anteriores nos quais trabalhavam, isto é, no setor de comércio e serviços. A venda de DVD's piratas aparece então, na declaração destes, como uma ocupação provisória a fim de suprir a necessidade de renda. Inferimos que há uma auto-imagem expressa no termo "desempregado" entre eles, situação que imprime um sentimento de urgência na aquisição de um emprego "verdadeiro", tal qual se apresenta no discurso destes trabalhadores.

Um ponto em comum que aparece entre os entrevistados em sua totalidade quanto à expectativa profissional futura é uma falta de fé na formação via escolarização e graduação acadêmica. Questionados quanto a isso, os discursos revelam ao máximo uma intenção vaga e carente de objetivos concretos. Uma ex-recepcionista, agora vendedora ambulante, exemplifica esta postura: “penso em estudar, mas estou sem tempo agora”. Se tal possibilidade é mencionada, aparece como algo pouco operacionalizado e inviável no contexto do cotidiano dos vendedores.

Em suma, o que observamos durante as entrevistas foram trajetórias que indicam um sentimento de marginalidade entre os vendedores de DVD, aliado às condições objetivas que, de uma forma ou de outra, repeliram estas individualidades do espectro formal da empregabilidade. Os principais sentidos imediatamente inferidos das histórias e condições de vida destas pessoas são a falta de empregos satisfatórios e/ou acessíveis, contrastando com a crescente presença deste tipo de comércio como um setor consistente, apesar de simbolicamente desprestigiado do ponto de vista de seus trabalhadores, e efetivamente marginalizado pelos marcos legais e seus respectivos representantes. As trajetórias não sugerem uma posição consolidada, mas o encontro de uma válvula de escape profissional para aqueles que se espremem na busca por posições: jovens e desempregados, mesmo aqueles que afirmam o status temporário da ocupação. A força de apropriação do sentido da luta desvantajosa que caracteriza sua posição na disputa por empregos formais tipifica os entrevistados profissionalmente, antes que como uma inclinação à informalidade ou mesmo à ilegalidade. Se apropriam então do movimento geral, global, na medida que este se identifique com o seu próprio caminho, que aponta para condições profissionais alternativas.

Fluxos e Biografias

Foi dito que há a tendência nas trajetórias citadas em realizar uma apropriação marginal dos fluxos, que se dá em virtude de sua situação dispersivamente orientada. Para princípio de análise, nos concentraremos na ideia de sociedade em rede, ou sociedade informacional global de rede, tal qual apresentada por Manuel Castells. Se olharmos para os produtos, que são a viabilidade última do âmbito profissional cotejado, eles sem dúvida

são produto daquela mesma revolução informacional-tecnológica cujo sentido o autor identifica como a mola propulsora da emergência da sociabilidade em rede. O conteúdo presente nos DVD's é uma informação que provém da crescente facilidade com a qual se tem acesso a este tipo de produto. Como foi observado nas declarações dos entrevistados, a opção da profissão de vendedor de DVD's ilegalmente copiado se apresenta como uma alternativa suficientemente acessível para que a ela se recorra quando da ausência de outros acessos ao mercado de trabalho. Alternativa esta, por sua vez, decorrente direta da facilidade de trânsito de um tipo específico de informação. Mesmo que o fenômeno da pirataria de áudio e vídeo não guarde nenhuma relação exclusivamente determinada pela emergência do capitalismo informacional, o fato de, no contexto das biografias profissionais coletadas, estar subentendida uma facilidade maior no acesso a estes produtos a fim de revendê-los, denota uma latente expansão deste tipo de tecnologia. Ainda que veiculada por um canal ilegítimo, a informação gravada se propaga num âmbito global e é operacionalizada para a rentabilidade da profissão, através de um tipo específico de aplicação e difusão tecnológica.

Explicitadora de tal crescente facilidade de reprodução midiática é o próprio preço dos produtos, que geram uma competição quase covarde ante os preços dos produtos originais. Estes, por sua vez, têm embutido em seu valor toda uma verticalização produtiva, tal como na concepção de cultura de massa, que inclui desde o lojista que transaciona o produto ao consumidor, até os próprios direitos intelectuais daquele que efetivamente produz a informação ali contida. Os vendedores de produtos ilegais representariam, na concepção de Castells, o sentido descentralizador, mesmo que não aquele apontado especificamente na formação de redes empresariais-organizacionais. Descentralização esta que reflete no tipo de atividade pesquisada da mesma forma na qual se expandem, ao largo da lei e da fiscalização, a troca de informação protegida por direitos autorais no ambiente da Internet.

Na medida em que são identificados movimentos de descentralização, na possibilidade desta opção profissional, o fluxo global é identificado dentro das trajetórias dos vendedores de DVD. Porém, quando Castells contempla as tendências específicas do mercado de trabalho á luz da revolução informacional, aponta uma tendência dos fluxos da

mão-de-obra adquirirem um caráter global. O próprio autor faz ressalvas quanto ao trabalho informal, apreciando-o como uma continuidade de um paradigma já antigo de organização da mão-de-obra.

No caso dos trabalhadores estudados, porém, pode-se inferir dois sentidos distintos quando o conjunto das biografias é contraposto à citada concepção. O primeiro, já explicitado, diz respeito à própria formação do ramo, possibilitada pela “democratização” de um tipo específico de produção tecnológica. O segundo, porém, aloca o segmento no que Castells denomina “buraco negro” do capitalismo informacional. Pelo discurso dos entrevistados, não há qualquer tendência que mereça inseri-los na chamada mão-de-obra globalizada. Antes que um movimento de extensão dos fluxos, há uma fragmentação. Se o produto-DVD original se remete, sob a ótica organizacional-laboral, a uma estrutura verticalizada de apropriação do valor do produto, o DVD pirata se remete a espaços produtivos fragmentados. Este fragmento de fluxo se concilia então com um aspecto muito particular da trajetória dos entrevistados, que, independente dos diversos momentos profissionais de cada um, representam uma opção pouco premeditada nas idas e vindas de cada biografia. Mesmo aqueles que declaram conforto em sua posição configuram sua atividade enquanto parcela desprestigiada do mercado de trabalho ao qual têm acesso relativo.

Posto assim, o vendedor de DVD's não originais se vale conexões trans-territoriais para executar sua profissão num determinado circuito. As origens sociais, o *status* que o vendedor atribui a si, caracterizam uma situação protagonizada por aquilo que lhe é local, que é o espaço de instabilidade empregatícia no qual se enquadra tal profissão. Em meio ao trânsito da informação, que veloz e eficazmente chega ao consumidor do DVD, há um agente que não necessariamente usufrui daquela informação. Através do recorte da profissão, profissão como opção e alternativa, o fluxo passa sob certa ótica ao largo daquele agente, se rompendo antes que haja a possibilidade do trabalhador de estabelecer conexões espacialmente ilimitadas na sua prática profissional.

O circuito, por sua vez, se caracteriza neste movimento de apropriação que a prática em determinados espaços e tempos executa, construindo sua própria vivência. Ou

seja, apesar das outras ligações e sentidos presentes nos elementos que constituem o circuito, é em suas trocas específicas que tais elementos se corporificam e, em consequência, se distinguem e se diferenciam dos demais. É nessa linha de raciocínio que se separa o consumidor daquele que vende o produto, pois a apropriação deste os diferencia em relação à cadeia de ações que possibilitou esta convivência. Um espaço de contiguidade social é formado, mas deve-se considerar que há uma propensão de marginalidade dentro destas trajetórias para a situação atual em relação à totalidade temporal de suas vidas profissionais. É possível capturar o circuito então enquanto o momento intermediário entre a instabilidade profissional e a disponibilidade do produto, esta última enquanto fenômeno da sociedade em rede.

Dessa forma pode-se entender que há uma apropriação relativa dos fluxos globais na trajetória destes comerciantes. Este meio de inserção, através de uma situação profissional que é descrita como sendo quase “acidental” em muitas trajetórias, cria em torno de si práticas que se orientam em direção a outros espaços. É certo que há um diferencial muito grande na forma como consumidores e vendedores fazem o uso da informação, e isto revela que esta relatividade da apropriação assume um grau qualitativo. Enquanto escala de tais fluxos, não há uma continuidade rarefeita da expansão espacial das interações, mas uma forma de estruturação que conhece barreiras em relação àquelas que conformariam uma sociabilidade em rede. Efetivamente, o papel destes vendedores enquanto agentes de circulação do produto os mantém adjudicados à dinâmica mais abrangente, mas o uso dos espaços se dá na medida em que esta dinâmica lhes toca, ou seja, na medida em que suas trajetórias se posicionam naquele momento social. Se fôssemos executar um gráfico destas trajetórias, o ponto de contato com a sociedade global-informacional estaria numa tênue tangente.

A correlação entre este momento e suas trajetórias profissionais revela um sentido de coordenação adjacente, pautado por um aspecto muito particular de sua inserção enquanto escala de globalidade. Não cremos que, por este aspecto, possa-se eventualmente revelar um espaço de sociabilidade completamente inserido nas mais altas escalas de globalidade, mas há, neste caso específico, um ponto de encontro muito estreito entre o uso dos espaços enquanto circuito e enquanto fluxo. É evidente que a qualidade da

incorporação e da estruturação que tais trajetórias apontam se centralizam num âmbito diverso, que recebe aquilo que a sociedade global está disposta a oferecer-lhes, em termos delimitados, antes que um simples pressuposto de integração ou dispersão.

Conclusão

Os recortes analíticos que se referem a tendências muito gerais tendem a enfrentar problemas quando confrontados com evidências empíricas. Isto se deve ao fato de que eles se convertem em paradigmas, aos quais cabe ao trabalho de pesquisa apresentar continuidades e descontinuidades em relação a estes. No presente trabalho, a teoria dos fluxos, contextualizada na concepção da sociedade em rede, foi imediatamente contraposta à premissa dos circuitos, enquanto dinâmica de integração do espaço a confrontar a lógica dispersiva. Porém, não é possível compor um cenário analítico consistente sem que, em meio a esta oposição, não se inserisse uma categoria de análise que pudesse não tramitar no meio termo, mas sim realizar um movimento que, em suas especificidades de objeto, apresentasse seus próprios pontos de contato com cada uma das dinâmicas. Os fluxos globais não são necessariamente uma ideia determinista e redutora, mas sim um sintoma que deve ser esmiuçado em suas manifestações.

No caso dos vendedores de DVD, a sua situação profissional traz a tona um circuito tipificado instável, que se estrutura porém aponta para outros sentidos de trajetória que se afastam dele, sugerindo a força de outros espaços pautados por outras dinâmicas abrangentes, estadas relacionadas à empregabilidade. O fluxo global proporciona a própria atividade, mas esta função não age na prática profissional a ponto de fazer preponderar suas orientações de sentido. Fica claro que, pela singularidade com a qual estabelecem o contato com estes fluxos, há uma visível seletividade pela qual a dispersão se realiza e se coordena através do uso dos espaços. É difícil observar um ambiente de globalidade, no senso comum do termo, praticado em meio àqueles indivíduos, mas se destaca a forma pela qual esta globalidade se ambientaliza a partir do sentido no qual as suas trajetórias se posicionam, no momento da pesquisa, conformando seus próprios usos e ações. Não se trata aqui de construir uma refutação categórica de uma concepção ou outra, mas sim de utilizar os casos particulares como a lente sobre suas decorrências reais e como medida de sua operacionalidade sociológica.

6. Referências

BARNEY, Darin David. *The Network Society*. Cambridge: Polity, 2004

BENJAMIN, Walter. "A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução". IN: *Col. Os Pensadores: Benjamin, Habermas, Horkheimer, Adorno*. São Paulo: Ed. Abril, 1975

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2008

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

___ *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

FAVARETO, Arilson. ABRAMOVAY, Ricardo. MAGALHÃES, Reginaldo. *Direitos de propriedade, eficiência econômica e estruturas sociais em um mercado de bens culturais – o mercado de música brega no Pará*. Caxambu-MG, 2007. Disponível em: http://www.oikonomika.com.br/artigos/O_mercado_de_musica_brega_no_Para.pdf

HORKHEIMER, Max, e ADORNO, Theodor W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Infowester. *DVD (Digital Video Disc)*. Disponível em: <http://www.infowester.com/dvd.php>

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "Os circuitos dos jovens urbanos". IN: *Revista Tempo Social*. v 17, n. 2, São Paulo.

SANTOS, Milton. *A Natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2009.

